

# FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

## PHILOSOPHICAL FOUNDATIONS OF PAULO FREIRE'S PEDAGOGY

José André de Azevedo<sup>1</sup>

AZEVEDO, J. A. Fundamentos filosóficos da pedagogia de Paulo Freire. **Akrópolis** Umuarama, v. 18, n. 1, p. 37-47, jan./mar. 2010.

**RESUMO:** Paulo Freire, educador mundialmente conhecido, obteve na encarnação histórica a sua maneira de educar: educar para a libertação. O processo educativo nasce, necessariamente, das concepções filosóficas, antropológicas e cosmológicas do educador. Compreender a pedagogia de Paulo Freire a partir de seus fundamentos filosóficos é defrontar-se com a “arché” de sua forma de conceber o mundo e agir no mesmo. Uma educação como prática da liberdade, almejando ser conscientizadora e propondo a relação dialógica como instrumental para a libertação somente pode ser compreendida a partir de seus fundamentos, ou seja, das concepções filosóficas daquele que propõe um método educativo, ou melhor, um caminho pedagógico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo Freire; Filosofia; Fundamentos.

**ABSTRACT:** Paulo Freire, an educator known worldwide, obtained within an historical incarnation his way of educating: education for liberation. The educational process arises necessarily from the educator's philosophical, anthropological and cosmological conceptions. Understanding the Paulo Freire's pedagogy from its philosophical foundations is to face the “arché” of his way of conceiving and acting over the world. Education as a practice of freedom, aiming to be “awareness and proposing a dialogical relationship as a tool for liberation can only be understood from its foundations, namely the philosophical ideas from that who proposes an educational method, or rather a pedagogic path .

**KEYWORDS:** Paulo Freire; Philosophy; Fundaments.

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia Moderna e Contemporânea da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Professor da Faculdade Global de Umuarama – FGU. E-mail: azevedosac@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apresentar quais são as bases filosóficas da pedagogia freireana e demonstrar a urgência e a necessidade de pensarmos o processo educativo a partir de seus substratos antropológicos e cosmológicos e, no caso da pedagogia de Paulo Freire, a partir das situações de conscientização, diálogo e libertação.

Compreendendo a educação como a grande possibilidade de se construir uma identidade sólida e firme, baseada na liberdade, diálogo e conscientização, Paulo Freire, partindo de um simples método de alfabetização de adultos, apresenta um ideal filosófico a ser seguido, refletido, questionado e buscado: o diálogo é capaz de criar vínculos de libertação e possibilitar o acesso a uma consciência clara e objetiva no tocante à realidade.

Nesse sentido, e com esse espírito, estudar-se-á e refletir-se-á sobre os conceitos fundamentais de Freire a partir da bibliografia básica do autor, que se encontra no final do trabalho. O que se procurará demonstrar, a partir disso, em síntese, é a sua gênese ideológica que se apoia em fortes argumentos filosóficos.

Serão apresentados, então, os conceitos fundamentais de sua prática educativa e os substratos antropológicos da mesma da seguinte maneira:

A educação como uma prática de liberdade, na qual, o ser humano deixa seu estado de coisificação e passa a ser objeto de sua própria história e destino.

A teoria do conhecimento freireana, uma teoria que nasce das relações dialéticas consciência-mundo.

O diálogo como condição de gênese do processo educativo, ou seja, através de uma relação dialógica, o ser humano se descobre e toma consciência de sua objetividade diante da vida.

A gênese ideológica de Paulo Freire, isto é, a percepção das fontes filosóficas que o grande educador brasileiro bebeu, como, por exemplo: Tristão de Atayde, Jacques Maritain e o neotomismo, o personalismo de Mounier, o existencialismo de Kierkegaard, a existência concreta de Marcel, a incompletude do ser humano de Heidegger, a relação dialógica de Karl Jaspers, o neomarxismo de Eric Fromm e a educação como política de Gramsci.

Assim sendo, apresentar as bases filosóficas de Freire e seu substrato antropológico e cosmológico é, de certa maneira, o “útero” da compreensão de educação e alfabetização como transformadoras da própria realidade e facilitadoras de uma leitura da realidade.

Dado o seu caráter de relevante importância no momento atual, este trabalho revelará a necessidade de uma retomada dos conceitos freireanos e a busca de uma educação que vise à construção do conhecimento a partir da liberdade e da própria pessoa.

## 1. O CONCEITO DE EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Paulo Freire, por se tratar, acima de tudo, de um educador, tem uma concepção toda original de educação, vista como instrumento de libertação, como processo dialético de conscientização. As características do termo educação estão profundamente ligadas à sua pessoa, pois ele é um homem que não somente se preocupa com a educação, mas faz dela o ideal e a meta de sua vida e de suas atividades.

A vocação para o educar de Paulo Freire nasceu, cresceu e se desenvolveu nas suas diversas experiências no Nordeste do Brasil, onde grande parte da população vivia em situação de analfabetismo e em extrema situação de pobreza. Essa realidade de analfabetismo e pobreza colocava o homem numa condição de objeto, de coisa, de ser menos. Dentro desta realidade, ele perdia sua consciência, vivia no anonimato da massificação e da alienação.

Tornando-se coisa, transformando-se em homem objeto, o ser humano anula em si o sentido de sua vocação ontológica, ou seja, de ser sujeito de seu agir e da própria história.

Libertar, pois, o homem oprimido desta realidade desumanizante, desta “coisificação”, desta situação de “objetos”, de ser “menos”, para ser “mais”, isto é, adquirir a própria dignidade humana perdida, realizar a sua vocação histórica, tornou-se o objetivo principal de Paulo Freire e o ideal de sua luta. (JORGEE, 1979, p. 24)

Entretanto, o que era necessário fazer para realizar esse objetivo de tornar o homem sujeito de seu agir e de sua história, deixando de ser objeto e coisa? Para concretizar esse objetivo, Paulo Freire intuiu que era necessário criar

um método pedagógico que arrancasse aqueles homens da manipulação e restituísse-lhes a sua vocação humana, isto é, a pedagogia seria o caminho que possibilitaria a prática da liberdade.

E aqui está a grande intuição de Paulo Freire e, também, a sua grande descoberta no campo da libertação e sua originalidade: para que o homem oprimido pudesse se libertar e não continuar vivendo sob a opressão de comandos estranhos a ele, deveria ser o sujeito de seu agir e de sua história. Naquelas condições, como em todas as outras, este seria o único método capaz de libertar toda aquela massa das formas opressivas de que eram vítimas. Paulo Freire apresentou, então, àquela região onde trabalhava, como, posteriormente, a todo o mundo, a sua filosofia para libertação: a “Educação como prática da liberdade”, educação esta que, incidindo, diretamente, sobre a realidade daqueles homens oprimidos, através de um método específico, libertaria todos aqueles indivíduos da manipulação e os faria sujeito de seu próprio processo de libertação pelo conhecimento crítico da realidade onde viviam. (JORGE, 1979, p. 24)

Pode-se, apenas com as ideias expostas acima, antever os fundamentos da educação libertadora proposta por Paulo Freire: um conhecimento processado por meio das relações dialéticas educando-realidade.

De fato, somente quando o homem oprimido descobrir e conhecer o mundo da opressão, nas suas causas e conseqüências, quando objetivar a realidade escravizadora na qual vive, tendo uma consciência crítica de ambas, somente assim ele poderá tomar uma atitude, também crítica, que o leve a realizar a missão que lhe compete: transformação e humanização das realidades opressoras. Então, o homem oprimido não será mais depositário de injunções de educadores opressores, mas será capaz de tomar atitudes verdadeiramente humanas para a superação da contradição existente entre ele e o educador. (JORGE, 1979, p. 25)

E é essa a educação que Paulo Freire propõe: uma prática de libertação, uma “pedagogia dos homens que estão em processo permanente de libertação”. (FREIRE, 1975, p. 61)

Todavia, fazem-se necessárias algumas ponderações mais consistentes sobre alguns

aspectos da pedagogia freireana. Apenas um conhecimento superficial de Paulo Freire leva-nos a ver que o seu método de alfabetização, que sua prática pedagógica, é muito mais que uma técnica para ensinar a ler; trata-se da transmissão de uma filosofia de vida, é um ler a realidade de opressão com olhos críticos, é aprender a ler a gramática das relações sociais.

Partindo da concepção de que a sociedade contemporânea se apresenta em permanente conflito de forças contrárias, e essas forças são designadas como *opressores* e *oprimidos*, onde os primeiros são os causadores da desumanização e os oprimidos objetos dos opressores, Paulo Freire almeja a transformação radical da sociedade, a qual, segundo ele, exige um processo de educação das massas que as habilite a tomar consciência da sua condição de oprimidos e as leve a empreender a sua libertação. Tal educação chama-se libertadora.

A característica principal da educação libertadora encontra-se em sua essência: problematizadora, isto é, não deve trazer certezas ou verdades acabadas e muito menos suscitar segurança, mas procurar levantar problemas e provocar conflitos transformadores.

É na base dessas premissas que Paulo Freire apresenta a alfabetização. Esta é, como foi dito acima, mais do que um método de aprendizagem de leitura, visto que está inseparavelmente associada ao intuito de fazer do alfabetizando um agente transformador da realidade, um agente revolucionário e libertador.

É isto que leva a dizer que Paulo Freire não tem apenas preocupações pedagógicas, mas é também movido por intenções políticas. Aliás, um repórter do Jornal da República de Recife, aos 31/08/79, interrogou Paulo Freire [...] a respeito de eventual filiação a partido político; o que respondeu o mestre: “Faço política através da pedagogia”. (FREIRE, 1979, p. 109)

O conceito de educação libertadora de Paulo Freire contradiz os conceitos de transmissão de hábitos bons ou virtudes, pelas quais o ser humano faz reto uso das suas faculdades, ordenadas segundo a razão, como defendia Aristóteles e muito menos significa ensinar a raciocinar e pensar, para que a criança, o adolescente e o adulto cresçam em ciência e saber, como esquematizava a Paideia grega.

Estas concepções, segundo Freire, cons-

tituem o que ele chama “educação domesticadora, bancária ou alienante”, ou seja, supõe um mestre que sabe tudo e um educando que aceita tudo e sabe pouco; para o educador pernambucano, tal educação é fruto de uma estrutura social dominante e opressora.

Desse modo, Paulo Freire entende por educação bancária, o tipo de educação que ele não aceita:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta [...] equivocada concepção ‘bancária’ da educação. Arquivados, porém, fora da busca, fora da práxis não podem ser. Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julguem nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1975, p.67)

Segundo Paulo Freire, a educação bancária ou domesticadora não faz o homem ser mais, mas o desumaniza. Por outro lado, a educação libertadora deve eliminar o muro de divisão e a diferença de classe entre educador e educando. Em vez de falar de “educador do educando” e de “educando do educador”, usar-se-ão os termos “educador-educando” e “educando-educador”.

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos da autoridade’ já não valem [...]. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis, que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador, que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (FREIRE, 1975, p. 78)

No lugar de transmitir certezas ou verdades seguras, a educação, como prática da liberdade, levanta problemas e suscita atitudes críticas.

A educação problematizadora [...] é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como serem históricos e à sua historicidade [...]. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se achem inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos. (FREIRE, 1975, p. 84)

Para romper com o sistema vigente, Paulo Freire não se utiliza da palavra *Escola*, mas prefere a expressão *Círculo de Cultura*.

A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição. Busca-se no círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um coordenador a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem. O coordenador, quase sempre um jovem, sabe que não exerce as funções de “professor” e que o diálogo é condição essencial de sua tarefa, “a de coordenar, jamais influir ou impor”. (FREIRE, 1979, p. 05)

Portanto, percebe-se que o diálogo é o instrumento para se descobrir a educação problematizadora e é a tentativa de renovação da sociedade. O mesmo compõe-se de *palavra* (entra aqui um conceito importantíssimo da filosofia/pedagogia freireana: para o educador pernambucano, na palavra há duas dimensões: ação e reflexão, solidárias entre si; não há palavra verdadeira que não seja práxis, podendo-se, assim, afirmar que a função da palavra verdadeira seja a de transformar o mundo).

É por meio do diálogo, também, que se elabora o conteúdo da educação, pois este não é trazido pronto, mas concebido e realizado no grupo, nasce das situações históricas dessa comunidade educativa e educadora, simultaneamente.



Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou imposição - um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada, e acrescentada ao povo, daqueles elementos que lhe entregou de forma inestruturada. (FREIRE, 1975, p. 98)

O fruto óbvio da educação para a libertação há de ser, segundo Freire, uma revolução cultural dos opressores.

Analisando toda a sua concepção de educação, verifica-se que seu método educacional está vinculado a uma ideologia, a uma visão filosófica que tende a transformar a sociedade. É o próprio Freire quem o afirma numa entrevista publicada na Revista Veja (20/06/79); o repórter lançou a hipótese de que a educação freireana fosse um método “assexuado”, neutro, descomprometido com qualquer ideologia. Freire respondeu:

Quem disse isso, ou não entendeu nada ou está de má-fé. Em meu método, parte-se do conhecimento do meio em que se vai desenvolver a experiência da educação. Toma-se em consideração o universo vocabular do grupo em questão, as palavras que são utilizadas todos os dias e que exprimem a vida cotidiana daquelas populações. Desse universo vocabular são escolhidas as palavras geradoras. Essas palavras encerram em si os temas da discussão que deverão corresponder aos interesses dos alfabetizandos e deverão constituir o primeiro passo, por meio da discussão em grupo, em direção a uma tomada de consciência individual e coletiva dos problemas discutidos. Este aspecto puramente mecânico poderá ser utilizado por qualquer pessoa: tirar uma palavra geradora de um universo vocabular também pode ser feito por alguém que pretende mistificar a realidade e a consciência dessa realidade. De minha parte, o conhecimento de uma realidade que vai sendo construído pouco a pouco a partir da experiência dos analfabetizandos, está intimamente ligado à consciência crescente da capacidade de mudar essa realidade. Conhecer para transformar, é este o objetivo. O que ficou sendo conhecido como Método de Alfabetização Paulo Freire, não é algo que se possa reduzir a um aprendizado meramente lingüístico. Trata-se de aprender a ler a realidade - conhecê-la - para em seguida poder reescrever esta realidade - transformá-la. (BITTENCOURT, 1981, p. 70)

## 2. CONSCIENTIZAÇÃO

Ao procurar o sentido que o educador pernambucano atribui à consciência, nota-se imediatamente que ele parte, como na teoria do conhecimento, das relações dialéticas *consciência-mundo*. Observa-se: “A consciência e o mundo se dão simultaneamente; exterior por essência à consciência, o mundo é por essência, relativo a ela. Nessas relações é que a consciência e o mundo fazem a sua verificação simultânea”. (JORGE, 1979, p. 38)

Como pode-se notar, Paulo Freire acentua o aspecto fundamental da consciência, ou seja, não existe primeiro uma consciência e depois um mundo; ambos estão em interação: o mundo é relativo a ela e ela é relativa ao mundo. E justamente essa relação dialética consciência-mundo é que implica os homens como seres conscientes, isto é, são consciência de si e consciência do mundo; o ser humano é todo consciência.

Por conseguinte, Paulo Freire é o primeiro a aplicar as palavras *conscientização* e *conscientizar* ao setor da pedagogia; alguns até o credenciam como autor do vocábulo. Com seu conteúdo vernáculo específico, as palavras acima foram introduzidas no vocabulário de idiomas como o francês e o alemão, tidos como infensos à aceitação de neologismos.

Atualmente, por todas as partes se fala em conscientização. Isso tanto os que conhecem a doutrina freireana como os que a ignoram; o vocábulo parece que adquiriu um caráter mágico. “*Conscientizar! Precisamos estar conscientizados*”... são expressões que aparecem nas salas de aula, conferências, livros, artigos, ônibus, escolas, ensinamentos. Mas, afinal, o que é conscientização a partir da perspectiva freireana?

Segundo Paulo Freire, creditar que a autoria do vocábulo conscientização é de sua pessoa é engano.

Na América Latina e nos Estados Unidos, acredita-se que fui eu quem batizou esta palavra. Porém, a verdade é outra. Ela nasceu de uma série de reflexões que uma equipe de professores desenvolveu no ISEB (Instituto Superior de Estudos do Brasil). [...] A palavra foi criada por um dos professores daquela época, eu não saberia dizer qual; porém, o fato é que nasceu de suas reflexões em equipe [...]. Eu convivia com todos eles e foi

precisamente no ISEB que ouvi, pela primeira vez, a palavra conscientização. Ao ouvi-la, percebi, imediatamente, a profundidade de seu significado, pois estava absolutamente convencido de que a educação como prática da liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade. Necessariamente, então, esta palavra começou a participar do universo vocabular com que expressei minhas posições pedagógicas e, facilmente, passou a ser considerada criação minha. (TORRES, 1979, pp. 93-94)

Na obra *Pedagogia do oprimido*, encontra-se a seguinte definição de conscientização: a conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência. Em que consiste este *aprofundamento*?

[...] este aprofundamento é um ir além da fase espontânea da apreensão da realidade a uma fase crítica [...] é a exploração da realidade nas suas estruturas [...] é um compromisso no tempo [...] é um compromisso de caráter histórico [...] uma inserção de maneira crítica na história. (JORGE, 1979, p. 54)

Portanto, o aprofundamento da tomada de consciência, ou melhor, a conscientização, nada mais é do que um conhecimento problematizador da realidade, conhecimento este que vai requerer do homem uma ação transformadora sobre o objeto cognoscível e que, no caso, é a realidade opressora.

Sendo, pois, a conscientização este aprofundamento da tomada de consciência no qual o homem conhece e implicando este uma atitude transformadora do homem, vemos que ela, a conscientização, está composta de dois momentos fundamentais: conhecer para transformar. Portanto, o homem estará a nível de conscientização somente quando gozar do conhecimento da realidade, naquilo que ela é em si, e for capaz de tomar uma atitude transformadora, isto é, humanizada, por sobre a mesma realidade. (JORGE, 1979, p. 54)

O primeiro passo para a libertação, na concepção freireana, é descobrir-se oprimido, é a descoberta da opressão, que inibe a vocação ontológica do homem, a qual é *ser mais* e, por consequência, ele passa a ser menos; porém, este primeiro passo só se torna um processo de libertação quando a libertação se transforma

num compromisso histórico que significa engajamento.

A conscientização implica, portanto, que, ao perceber-me oprimido, eu saiba que só me libertarei se transformar essa situação concreta em que me encontro oprimido, e que não posso transformar essa situação em minha cabeça, porque isso seria idealismo no sentido filosófico da palavra, seria cair em uma forma de pensar filosófica na qual a consciência “cria realidade”. Eu decretaria que minha consciência agora seria livre. Entretanto, as estruturas continuariam sendo as mesmas e isto não realiza minha liberdade. Então, a conscientização implica esta inserção crítica no processo, implica o compromisso histórico de transformação. (TORRES, 1979, p. 97)

Para Paulo Freire, o processo de conscientização, o como do ato de conscientizar-se, dá-se pela educação, educação libertadora e inserida na realidade, o que a torna oposta à educação bancária, incapaz de ser instrumento para a liberdade.

A educação conscientizadora, portanto, para a libertação, em vez de ser esse ato de transferência de conhecimento, no qual certamente não há conhecimento, é um ato de conhecer. Porque é um ato de conhecer, implica um processo em que educadores e educando assumem, simultaneamente, a posição de sujeitos cognoscentes mediatizados pelo objeto conhecido. Aqui não há uma pessoa que pensa que sabe diante de muitas que dizem que não sabem e que necessitam ser educados, mas há indivíduos curiosos que procuram conhecer. (TORRES, 1979, p. 100)

### 3. DIÁLOGO E LIBERTAÇÃO

Ao longo da proposta dessa reflexão, constatou-se que o diálogo é o instrumento para a libertação, é o método para a comunhão mediatizante da humanidade, o meio de os homens entrarem em comunhão.

Muita gente leva, certamente, um grande susto ou tem talvez uma grande decepção quando, lendo os escritos de Paulo Freire e procurando neles o instrumento para a libertação do mundo, encontra o diálogo. Por certo, como comenta Jesus Arroyo, tais pessoas teriam desejado, seguramente, que Paulo Freire apresentasse outros instrumen-

tos para a libertação, instrumentos violentos como guerras, sangue, no estilo de tantos outros “revolucionários”. Não. Tais instrumentos não aparecem no pensamento de Freire. Para ele, o real instrumento da libertação é o diálogo. (JORGE, 1979, p. 33)

Porém, qual a justificativa para a presença do diálogo no processo de libertação?

Observando as entrelinhas do pensamento freireano, notar-se-á que a libertação que se procura é a libertação dos seres humanos e não das coisas e, portanto, o processo para se consegui-la deve ser, antes de tudo, profundamente humano. E nada mais humano que o diálogo; justamente por isso, ele é o instrumento por excelência da libertação, por ser ele o meio para humanizar o homem. “O diálogo é a condição fundamental para a verdadeira humanização dos homens”. (JORGE, 1975, p. 160)

O diálogo contém em si aquilo que o homem tem de mais seu: a palavra, e a mesma se existencializa no diálogo. Por isso, na visão libertadora freireana, sem a palavra do homem não pode haver libertação. “Esta palavra torna o diálogo existencial - comunicação e intercomunicação, ação e interação, relação - implica um compromisso: a humanização do mundo de todos os homens. Daí que, segundo Freire, os homens não podem se humanizar senão humanizando o mundo”. (JORGE, 1979, p. 34)

No pensamento de Paulo Freire, eis, pois o que é o instrumento da libertação: o diálogo, palavra dos homens entre si, uns com outros, dialogicamente. E neste diálogo, consciente e autêntico, é que o mundo será libertado. Segue-se, no âmbito do diálogo libertador, a sua natureza, seus componentes e a palavra transformadora e humanizadora.

Fundamentalmente, o diálogo, para Freire, é uma relação de comunhão entre dois pólos, um eu e um tu, ambos sujeitos e conhecedores do mesmo objeto que os imediatiza. O objeto que mediatiza os sujeitos dialogantes é a libertação. Daí que a mediação do mundo é a base do diálogo autenticamente libertador. E é nesta linha que Freire concebe o diálogo, como um encontro por meio da mediação do mundo e cujo objetivo é dar um nome a este mundo.

Mas este encontro para “dar um nome ao mundo” - e aqui Freire volta a insistir na virtude-base de todo diálogo libertador - não pode prescindir do amor. O amor é a base do

encontro dos homens que procuram tornar o mundo mais humano. E, então, com estas coordenadas, “encontro”, “mundo mediador” e “amor”, Freire parte para a sua definição de diálogo: “um encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”. (JORGE, 1979, pp. 35-36)

Sendo, pois, o diálogo este encontro amoroso para a humanização, ele não pode prescindir da união, coesão e participação de todos os sujeitos dialogantes. São esses elementos que fundirão o “eu” e o “tu” no “nós”, por intermédio das relações personalizantes e dentro daquele horizonte cultural que envolve todos os homens.

O diálogo se plenifica na comunhão, no *ser-com* e, justamente por isso, o diálogo só é possível na comunhão e não nas posições antagônicas, as quais geram violência, nas quais o homem se transforma em objeto; transformando-se em objetos, não cumpre a vocação ontológica e é impedido de ser.

Entretanto, para que o diálogo possa alcançar este objetivo de libertação, sendo o verdadeiro instrumento, Paulo Freire coloca diversas exigências, as quais se constituem componentes essenciais de todo diálogo libertador. Esses componentes essenciais são: o amor, a humildade, a fé e confiança nos homens e a esperança.

A partir disso, Paulo Freire não admite os homens que não sejam capazes de comunicação porque, por natureza, são comunicação. Ora, os homens se comunicam pela palavra e, para Paulo Freire, toda palavra autêntica é práxis e a prática é ação e reflexão dos homens sobre o mundo com o objetivo de transformá-lo.

A transformação do mundo é um dever de todos os homens. Esta, porém, segundo o pensamento freireano, não deve ter como modelo ou método a luta armada. A verdadeira transformação é a da denúncia de um mundo injusto e a proclamação de um mundo mais justo e equânime. Ora, se ao homem compete esta transformação como sujeito, a ele compete esta denúncia e este anúncio. Tal ele o faz com a palavra. Pela sua palavra, pois, o homem é alçado ao ápice de sua história: sujeito da criação e recriação da história do mundo e dele. Com ela, o homem vai fazendo a verdadeira história, “pronunciando



o mundo". E este, problematizado, "retorna, por sua vez, aos sujeitos pronunciadores, exigindo deles um novo pronunciamento". E deste modo, o homem vai criando, transformando e humanizando o mundo e a si. Nesta perspectiva - a palavra criadora e transformadora - [...] "imita a palavra divina que é criadora por excelência". (JORGE, 1979, pp. 48-49)

#### 4. A GÊNESE IDEOLÓGICA FREIREANA

Um dos aspectos mais marcantes da ideologia freireana é sua concepção de liberdade, sua origem e desenvolvimento. Para Freire, liberdade, educação, conscientização, diálogo estão intrinsecamente ligados, justapostos. Dessa maneira, pode-se, assim, perguntar: Qual a gênese ideológica de Paulo Freire? Quais as suas bases filosóficas?

Num primeiro impulso, remeteríamos suas idéias e fundamentos aos sociólogos e filósofos que anteriormente haviam feito reflexões sobre o assunto. Mas se assim procedêssemos, estaríamos incidindo em dois graves erros. O primeiro seria aquele de uma falta de objetividade crítica frente ao pensamento de Paulo Freire e, o segundo, seria o de estarmos cometendo um erro contra a verdade, não aceitando suas idéias como algo pessoal e autêntico.

Antes de procurarmos a gênese ideológica de Paulo Freire, é necessário afirmar que o seu pensamento é totalmente autêntico e pessoal, isto é, é obra sua, nasce de sua vida e de suas experiências, provém de sua concepção de verdade e sinceridade, é gerado pela luta e empenho pela libertação do homem oprimido, princípio dinamizador de suas atividades.

Na vivência da realidade dos oprimidos, Paulo Freire pensou, repensou e refletiu e amadureceu seus pensamentos e suas ideias até que, num dado momento, ele pôde apresentá-los como um fruto pessoal, autenticamente seu.

Desse modo, podemos afirmar que a gênese ideológica de Paulo Freire é ele mesmo. E é nessa mesma prática real que se encontra a origem de sua filosofia prática, da educação para a libertação, reflexão e ação, a qual se concretiza no seu objetivo: a libertação do homem oprimido.

Para que esse objetivo - libertação do homem oprimido - se concretize, Freire se utiliza de um "estratagema": a educação.

Passe-se, agora, a refletir um pouco so-

bre as linhas filosóficas que mais influenciaram o pensamento de Paulo Freire e que são, de certa maneira, o substrato antropológico e cosmológico de compreensão de suas obras e atividade pedagógica.

O pensamento de Paulo Freire está, [...], embebido nas mais autênticas filosofias que tiveram o homem como centro, isto é, aquelas que têm o mesmo objetivo dele. Ele não é, pois, uma "antologia" como se poderia concluir intempestivamente. Seu pensamento baseado no neotomismo, no humanismo, no personalismo, no existencialismo e no neomarxismo é uma síntese pessoal, mas tão pessoal e objetiva que, no ato mesmo de ser síntese, já se constitui num sistema doutrinário com fundamentação, objetivos e métodos específicos enquanto, retomando essas filosofias, cujo objetivo central é o homem, ele as repensou dentro das exigências da realidade sua e com a qual se encontrava comprometido e as traduziu para uma linha de filosofia prática. Daqui que a gênese de Paulo Freire é o próprio pensamento de Paulo Freire. (JORGE, 1979, pp. 21-22)

No pensamento de Freire aparece, com especial relevo, a figura de Tristão de Atayde, "[...] crítico, pensador, professor e que, após a sua conversão em 1928, através de seu amigo Jackson de Figueiredo, se tornou um líder católico e uma das maiores figuras intelectuais do Brasil". (JORGE, 1979, pp. 18) Paulo Freire mesmo afirma que sempre nutriu para com Tristão de Atayde uma admiração ilimitada.

Segundo Jorge, foi por intermédio de Tristão que Paulo Freire chegou ao neotomismo maritanista.

Às vezes, é claríssima a presença de Maritain no pensamento de Freire, como por exemplo, quando ele diz que não se pode pensar em educação sem antes pensar no homem; o neo-tomista francês isso mesmo o afirma dizendo que não se pode estabelecer nem orientar a educação que precisa saber, antes de tudo, o que é o homem, qual a sua natureza e a escala de valores que necessariamente abrange. Claro que, num homem tão profundamente humano como o é Paulo Freire, toda a filosofia humanística tinha que ter profundas repercussões nas suas reflexões. (JORGE, 1979, pp. 18-19)

O personalismo de Emanuel Mounier



também faz parte do aprofundamento do pensamento de Freire, principalmente na questão da reivindicação da dignidade da pessoa como fundamento. Como Mounier, Freire combate a coisificação do homem e a sua alienação pelos opressores.

Em seu pensamento também pode-se encontrar a presença da filosofia existencialista, pois essa aparece nas noções sobre a existência e sobre o caráter histórico do homem. Assim, vemos Paulo Freire se aproximar de Kierkegaard, tendo a mesma preocupação do filósofo dinamarquês, isto é, preocupação com uma filosofia da existência na qual o homem é realçado no seu existir concreto: o homem é um ser concreto, diz Freire, que existe no mundo e com o mundo.

A noção freireana de existência vista como existência concreta e não como mera filosofia abstrata, isto é, uma filosofia que seja práxis, é exatamente a mesma que procura Gabriel Marcel. “O ‘être avec’ de Gabriel Marcel é retomado por Paulo Freire, tornando-se fundamento da sua concepção do existir do homem no mundo e com o mundo [...]”. (JORGE, 1979, p. 19)

A concepção antropológica de Paulo Freire é aquela em que o homem é um ser que pergunta, se interroga e vive num jogo de suas respostas; Heidegger pensa semelhante a Paulo Freire: o homem é o que se interroga pelo próprio ser.

O método para a libertação do homem oprimido, segundo Freire, é o diálogo, porque, por meio dele, os homens se encontrarão, se comunicarão e superarão as situações de explorados.

Em todo o decorrer da sua doutrina dialógica, notamos a presença de Karl Jaspers que luta pela comunicação dos homens entre si porque o isolamento significa a destruição. Karl Jaspers é o filósofo “existencialista” (sabemos que ele não aceita a sua classificação como existencialista) do diálogo. Para Freire, o diálogo é que conduz à libertação. (JORGE, 1979, p. 20)

Muito interessante é a presença do neomarxismo no pensamento de Paulo Freire; isso certamente por ser essa doutrina a da luta contra a alienação e contra a massificação do homem.

Há muita presença do pensamento de Eric Fromm na ideologia freireana [...] cremos

que o grande valor e sentido combativos do pensamento de Fromm contra a alienação e contra a massificação do homem é que mais interessam a Freire. Devido a esses elementos de Eric Fromm, esse ficou bem integrado no pensamento freireano. (JORGE, 1979, p. 21)

Como não poderia deixar de ser, densificando o pensamento de Freire, ecoa Karl Marx. Torna-se importante entender a adoção de certos parâmetros marxistas por parte de Paulo Freire: tal adoção, que deve ser entendida de maneira aberta e não dogmática, não implicou utilizar os marxismos como modelos ou mesmo a concordância com suas noções teleológicas e positivistas, componentes das suas “vulgatas”. Freire tem a noção de democracia e diálogo como fundamentais, as quais não suportariam a ditadura do proletariado ou do partido ou qualquer outra ditadura.

Mais concretamente, pode-se afirmar que o materialismo histórico tem marcado mais profundamente as análises da realidade feitas por Paulo Freire principalmente a partir de 1970. Marx realizou uma fenomenologia concreta das relações econômicas de seu tempo, e seu método tem profunda vigência na atualidade, embora não se possam aplicar os mesmos esquemas hoje, de forma estereotipada. Além disso, orientou o sentido da filosofia para a ação como guia da prática e realçou o sentido dialético de toda a realidade. Nesse aspecto, Freire segue a linha traçada por Marx, tanto ao fazer o retrato do oprimido como ao encarar a realidade da práxis como o verdadeiro caminho da libertação do homem. E, sempre que fala da criticidade da consciência, Freire estabelece relação imediata com a dialeticidade, considerando-a como algo específico da própria consciência crítica. (TORRES, 1981, pp. 50-51)

E não poderíamos deixar de mencionar, como o próprio Freire admitiu, a grande influência que Antonio Gramsci possui sobre o educador brasileiro. Gramsci é aquele que pensará a educação – partindo de sua realidade e contexto históricos – como relação de poder transformador do conhecimento, a partir do qual se tornaria possível produzir a disseminação de uma cultura que compreende a ação política como uma prática pensada no interior da sociedade civil e este espaço de recriação do conhecimento – a educa-

ção – representa o surgimento de um novo tipo de intelectual: alguém que não se constitui como reproduzidor das estruturas sociais dominantes, mas, ao contrário, se coloca a serviço da construção de um novo modelo de sociedade.

Freire é aquele que, também devido ao seu contexto histórico, percebe no espaço político a disputa entre dois modelos de desenvolvimento e inicia a sua ação pedagógica libertadora, propondo uma educação que caminhe dos *aspectos políticos* para uma *totalidade política*, ou seja, propõe uma pedagogia *com* os oprimidos e não uma pedagogia *para* os oprimidos.

O contexto de vida de ambos os educadores – o italiano e o brasileiro –, que revela uma profunda experiência de cidadania, serviu como base para a formação das teorias educativas suas. Paulo Freire afirmava que toda educação é um ato político e todo ato político, um ato educativo. Sua concepção, então, lembra Gramsci, para quem a educação deve possibilitar a construção de uma pedagogia que ultrapasse os limites do conhecimento formal das disciplinas, alcançando a capacidade de relacionar os saberes escolares com uma nova leitura da sociedade.

Entretanto, como conclusão de tal aproximação, faz-se necessário estabelecer uma diferença entre Freire e Gramsci: o pensamento de ambos é político-pedagógico, mas a ênfase – e deve-se frisar tal situação – do primeiro se dá no campo educativo e do segundo, no político.

Dessa maneira, percebe-se em Paulo Freire que a significação do mundo e a conscientização se estabelecem na relação com o outro, isto é, o *locus* de transformação da realidade se dá na alteridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorridas as reflexões referentes aos conceitos fundamentais freireanos e as suas bases filosóficas, é necessário lembrar: a existência na atualidade requer uma tomada de posição, exige uma iniciativa a favor ou contra a vida e a dignidade humanas. Perante isso, fazem-se necessárias certas análises do sistema hodierno para se entender as conjecturas e as necessidades da sociedade.

Assim sendo, a figura de Paulo Freire vem em nosso auxílio e possibilita lembrar que o ser humano é um ser de diálogo e comunicação, de abertura e comunhão, de crescimento

mútuo, um ser que cresce, espiritual e conscientemente, na relação dialética da construção da sociedade.

Perante a massificação e alienação da sociedade, a ideologia freireana grita, por meio de um método de alfabetização e educação, que o homem necessita de liberdade e conscientização, que é o aprofundamento da tomada de consciência.

Não se pode, de maneira alguma, silenciar a intenção fundamentalmente reta de Paulo Freire, que se preocupa com as massas e o proletariado, visando a promoção dessa parte das populações do Terceiro Mundo, dirigindo-se à promoção da vocação ontológica do ser humano: ser mais. Entretanto, alguns questionamentos quanto à sua ideologia devem ser levados em conta:

Segundo o pensador pernambucano, há uma subordinação do conhecimento e da palavra à transformação do mundo ou à práxis; ora, crê-se que não se pode dizer que a eficácia transformadora do conhecimento seja o critério da autenticidade do próprio conhecimento.

A realidade ou extensão do ser é mais ampla do que o âmbito do socioeconômico-político. Por isto, há enorme valor em conhecer também as verdades que não se prendem diretamente ao político; há verdades de ordem especulativa que não alienam necessariamente o homem, mas o podem habilitar a ser mais sábio transformador deste mundo.

Para Freire, a educação domesticadora ou bancária inibe a vocação ontológica do ser humano; segundo ele, a solução para acabar com a diminuição do ser é a educação libertadora; todavia, a mesma não poderia ser manipuladora e, num processo inverso, tornar-se domesticadora?

Mas nenhum dos questionamentos acima retira a sua intenção de imprimir no ser humano o que ele possui de mais intrínseco: a humanidade, a qual ele não se cansa de afirmar, cresce nas relações dialógicas em vista da libertação, que passa pela conscientização.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, E. O método Paulo Freire em debate. **Revista Pergunte e Responderemos**, Rio de Janeiro, n. 254, 1981.

BRANDÃO, C. **O que é método Paulo Freire**.

São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da liberdade**. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GRAMSCI, A. Dos cadernos do cárcere. In: COUTINHO, C. N. Porto Alegre: LPM, 1981.

JAPIASSU, H. **A pedagogia da incerteza**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

JORGE, J. **A ideologia de Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_. **Sem ódio nem violência**. São Paulo: Loyola, 1979.

PILETTI, C. **Filosofia da educação**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1995.

ROSSETTI, F. Freire lança pedagogia da autonomia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 31 mar. 1997. Caderno 3, Cotidiano. p. 10.

ROSSI, W. **Pedagogia do trabalho**: caminhos da educação socialista. São Paulo: Moraes, 1982.

TORRES, C. **A práxis educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_. **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_. **Leitura crítica de Paulo Freire**. São

Paulo: Loyola, 1981.

VANNUCCHI, A. **Paulo Freire ao vivo**. São Paulo: Loyola, 1983.

WREN, B. **Educação para a justiça**. São Paulo: Loyola, 1979.

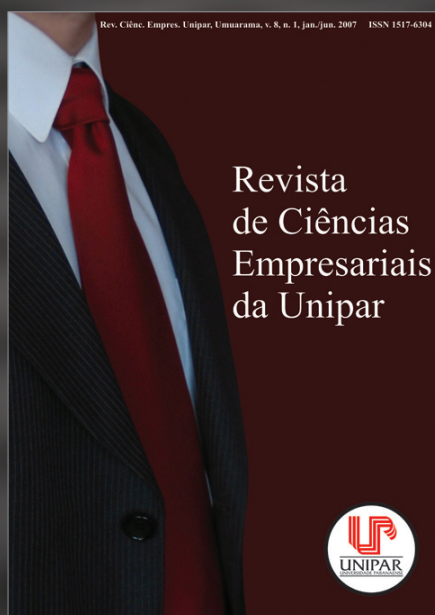
## FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DE LA PEDAGOGÍA DE PAULO FREIRE

**RESUMEN:** Paulo Freire, educador mundialmente conocido, obtuvo en la encarnación histórica a su forma de educar: educar para la liberación. El proceso educativo nace, necesariamente, de las concepciones filosóficas, antropológicas y cosmológicas del educador. Comprender la pedagogía de Paulo Freire a partir de sus fundamentos filosóficos es confrontarse con el “arché”, de su forma de concebir el mundo y actuar en lo mismo. Una educación como práctica de la libertad, buscando concienciación y proponiendo la relación dialógica como instrumento para la liberación, pudiendo ser comprendida a partir de sus fundamentos, o sea, de las concepciones filosóficas de aquel que propone un método educativo, o mejor, un camino pedagógico.

**PALABRAS CLAVE:** Paulo Freire; Filosofía; Fundamentos.

# Arquivos de Ciências Empresariais da Unipar

ISSN 1517-6304



- **Publica trabalhos referentes às áreas de Ciências Contábeis, Administração e Economia.**
- **Periodicidade: Semestral**
- **e-mail: [rcempresariais@unipar.br](mailto:rcempresariais@unipar.br)  
<http://revistas.unipar.br/empresarial>**

O CONHECIMENTO NÃO É NADA SE NÃO FOR COMPARTILHADO

